

Latinos alertam contra explosão social

São Domingos — Os ministros de 11 países latino-americanos mais endividados, entre os quais o Brasil, advertiram que ignorar suas crises financeiras poderá levar a convulsão política e social.

Numa resolução lida ao final de uma reunião de dois dias sobre a dívida, a qual não fixou a data exata para o diálogo político com os países credores industrializados, os ministros — membros do chamado Grupo de Cartagena — enfatizaram a necessidade desse diálogo para evitar uma maior alienação entre os dois grupos de países.

“É indispensável ultrapassar as reservas feitas por certos países para concretizar um diálogo político”, afirma a resolução.

O comunicado advertiu que, se os esforços para um diálogo com os países devedores forem ignorados, a região poderá sofrer “uma instabilidade, não apenas econômica e financeira, mas também política e social”.

A resolução foi lida pelo ministro das Relações Exteriores da República Dominicana, José Augusto Vega Imbert.

Ernane Galvães, ministro da Fazenda do Brasil, informou que seu país, o maior da região, está negociando com a comunidade bancária norte-americana as bases de

um plano de pagamento a longo prazo, incluído uma significante redução nos custos da dívida. Ele expressou a confiança de que o Brasil receberá o mesmo tratamento que a Venezuela e o México na renegociação de sua dívida de 100,5 bilhões de dólares, a maior da região.

José Eduardo Navarrete, subsecretário para assuntos econômicos do Ministério das Relações Exteriores mexicano, disse que “uma resposta espetacular” não é esperada.

Num nível técnico, afirmou Navarrete, a dívida externa — que agora excede os 350 bilhões de dólares — “permanecerá conosco por toda esta década, mas o que não pode ser adiado são as medidas dirigidas à recuperação econômica”.

Péritos em finanças que assistiram à reunião revelaram que há grandes diferenças sobre os arranjos a serem feitos para o pagamento das dívidas exteriores — e os juros sobre elas.

Fontes disseram que certos países mantêm uma “linha dura”, outros uma posição intermediária e um Terceiro grupo presumivelmente aqueles que já renegociaram suas dívidas — são os mais flexíveis.

